

Manufaturas de Tabaco: definição de uma tipologia arquitetônica e suas influências



Luciana Guerra Santos Mota

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador [BA] Brasil <lucianadguerra@gmail.com>.



Lis Figueiredo Souza Venâncio Lopes Machado

Licenciada em Letras Língua Inglesa pela Universidade Federal da Bahia, Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia. Salvador [BA] Brasil <lismachado@gmail.com>.

Resumo

O texto mostra o resultado de uma investigação acerca das tipologias arquitetônicas das manufaturas de fumo, visando estabelecer relações entre os edifícios analisados. O trabalho incorpora um levantamento de antigas fábricas de tabaco nacionais e internacionais encontrados, envolvendo dados históricos e físicos dos edifícios, como demolições, intervenções, restaurações, entre outros aspectos a que as antigas construções foram submetidas. Os dados foram obtidos através de artigos, livros e internet. A partir da organização dos dados em fichas, foi possível fazer comparações entre os edifícios estudados, retratando assim as principais características e influências da tipologia internacional às manufaturas de tabaco do Brasil. O resultado apresentado visa dar subsídios às futuras intervenções em edifícios da mesma tipologia.

Palavras-chave

Manufaturas de fumo. Patrimônio Cultural. Tipologia.

Tobacco Manufactures: definition of an architectural typology and its influences

Abstract

The text shows the result of an investigation about architectural typologies of tobacco manufactures, aiming to establish relations between analyzed buildings. The work incorporates a survey of old national and international tobacco factories, involving historical and physical data of the buildings, including demolitions, interventions and restorations, among other aspects to which old constructions were submitted. Such data were obtained through articles, books and internet. After the organization of the data in fiches, it was possible to make comparisons between the studied buildings, thus portraying the main characteristics and influences of the international typology to the tobacco manufactures of Brazil. The final result presented here aims to give subsidies to future interventions in buildings of the same typology.

Keywords

Tobacco Manufacture. Cultural Heritage. Typology.

1. Introdução

A disseminação do tabaco na Europa no século XVI causou uma grande revolução cultural e alimentar na sociedade. A princípio difundido como uma planta ornamental pela coroa portuguesa, ao fim do século XVI e início do XVII, este já havia conquistado todo o continente europeu (GARBINI, 2012).

Nos seiscentos, o tabaco era um artigo de luxo, consumido pelas classes mais influentes da sociedade. A alta demanda pelo produto promoveu a proibição do seu cultivo pelo Estado na primeira metade dos seiscentos, as quais foram abandonadas na segunda metade do século XVII, pois o regime absolutista vislumbrou o lucro que poderia ser empreendido com o produto em rápida expansão. Desta forma, a maioria dos estados italianos incluiu o produto como um gênero de privação, exercendo um controle direto sobre a produção e comercialização (*idem*). Outros países europeus tiveram uma postura semelhante, adotando o tabaco como um gênero de exploração exclusiva do Estado, a exemplo da Espanha. O domínio do Estado sobre o produto talvez explique o grande porte das fábricas de tabaco implantadas na Europa.

Com a difusão do uso do tabaco o número de manufatura começou a crescer nas cidades europeias ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, gerando renda econômica para as cidades e também empregos, principalmente para mulheres, pois por terem mãos pequenas executavam melhor o trabalho de produção dos charutos e cigarros.

As colônias europeias, a princípio, eram responsáveis apenas pelo fornecimento da matéria-prima. Somente no início século XIX é que foram implantadas as primeiras manufaturas de fumo no Brasil, mais precisamente de rapé, localizadas no Rio de Janeiro (Nardi, 1996, p. 30). E a partir de meados do século XIX, foram implantadas as manufaturas de charuto no Recôncavo Baiano (Mota, 2014, p.32).

As manufaturas eram cenários de ocorrências do dia a dia, onde milhares de trabalhadores exerciam trabalhos repetitivos, alimentavam-se, dialogavam, trocavam experiências, organizavam festas, etc. O fato de não serem locais onde se desenvolveram “importantes” acontecimentos históricos ou não possuírem uma arquitetura exuberante, leva à dificuldade de reconhecimento desses edifícios como patrimônio cultural. Entretanto, se mergulharmos na região de cada manufatura, buscando compreender a sua influência social, econômica e cultural, entenderemos o seu significado patrimonial, devido à sua forte relação com a formação da identidade local. Conforme aponta Robertson (2012), é no contexto local que a relação entre patrimônio e formação da identidade se estabelece de forma mais significativa. Além da fábrica, muitas manufaturas desempenharam um papel social, com a construção de vilas operárias, creches, consultórios, entre outros equipamentos, sem falar na questão da incorporação da mulher do mercado de trabalho, visto que a maioria dos funcionários era composta pelo sexo feminino, função de prestígio, já que na ocasião não era comum que mulheres exercessem papéis no operariado.

Entretanto, apesar de sua importância regional, ainda existem poucos estudos sobre a importância das manufaturas de fumo enquanto peças importantes na identidade coletiva da população de sua região. Apenas as manufaturas italianas foram analisadas num estudo mais sistemático durante um Encontro Nacional em 2009, cujo fruto dos trabalhos podem ser encontrados em Chierici *et al.* (2012). Também pode-se encontrar alguns estudos pontuais de outros países europeus como o de Smith (2005), Folgado & Custódio (1999) e López (2013). No Brasil não foram encontrados estudos sobre o tema, sendo o trabalho de Mota (2014) pioneiro neste sentido. Desta forma, o que se observa, são muitos edifícios abandonados ou intervenções que não levam em consideração a memória do local.

Ao olhar para o edifício de uma manufatura de fumo, devemos não olhar apenas para os elementos arquitetônicos restantes; devemos interpretar esses espaços, buscando entender o que acontecia em cada um deles. Smith *et al.* (2011) coloca que os edifícios industriais tem o potencial de lembrar o componente humano da indústria – a classe trabalhadora. Nesse sentido, entender o edifício é essencial para definir o que deve ser preservado e como se deve intervir na antiga matéria, de forma que a sua preservação tenha um papel social.

Desta forma, neste estudo busca-se compreender este “tipo arquitetônico” – a manufatura de fumo – a partir de ampla análise comparativa de diversos exemplares. Para isso, documentou-se e registraram-se aspectos pertinentes às manufaturas europeias e brasileiras a ponto de compreender seus estilos arquitetônicos e o seu valor atual nas diversas sociedades a que estão inseridas. As manufaturas estudadas foram divididas dentre os países que estavam localizados, sendo estes: Itália, Portugal, Brasil, França, Turquia, Áustria e Espanha. São 13 manufaturas italianas, 03 portuguesas, 08 brasileiras, 01 francesa, 01 na Turquia, 01 na Áustria e 02 na Espanha. A análise dos dados sistematizados poderá auxiliar na decisão do que deve ser preservado numa futura intervenção.

2. Métodos

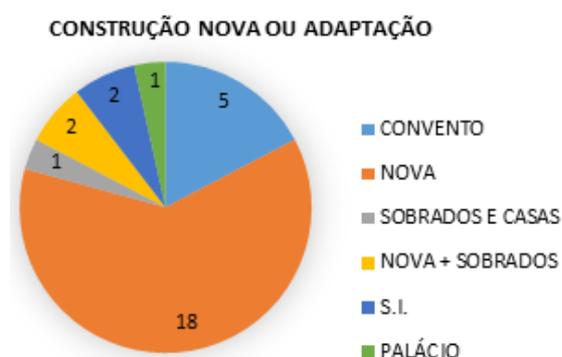
A primeira etapa do trabalho consistiu na elaboração do modelo de uma ficha de inventário, a qual deveria conter descrição tipológica das edificações, histórico e modificações sofridas pelo edifício e iconografias. O segundo passo visava angariar todas as informações possíveis acerca das manufaturas separando-as em seus respectivos tópicos de estudo. Após a separação de todos os dados disponíveis veio à produção da ficha definitiva, consistindo assim a terceira etapa do trabalho. A funcionalidade de produzir fichas auxiliou na produção da quarta etapa da pesquisa, sendo esta a produção de uma tabela cuja função seria sintetizar todas as informações pertencentes às fichas produzidas, sendo de fundamental importância para a visualização dos edifícios estudados.

Assim, o objetivo principal da pesquisa foi observar os diversos componentes arquitetônicos na composição das edificações das manufaturas analisando assim os tipos de esquadrias, quantidade de pavimentos, cobertura, uso ou não de pátios internos, tipo de revestimentos, adornos estéticos, dentre outros aspectos. Como referências, foram utilizados Chierici *et al.* (2012), Folgado & Custódio (1999), e Mota (2014), sendo estas as principais fontes de pesquisa, além de artigos e páginas na internet.

3. Discussão

Em termos cronológicos, há relatos de manufaturas de fumo que iniciaram seu funcionamento desde o início do século XVII. Dentre as manufaturas analisadas, a mais antiga é a Manufatura de Bolonha, de 1680, e a mais recente a Manufatura de Tabaco Pimentel, no Recôncavo Baiano, de 1937. As manufaturas mais antigas foram implantadas em edifícios pré-existentes, frequentemente conventos e palácios, não sendo possível identificar o ano da construção original, e sim, o ano em que a manufatura foi implantada no local. Como exemplo tem-se as manufaturas de tabaco de Modena, de Lucca e de Bolonha, na Itália, e Gijón, na Espanha, as três últimas do século XVII. Há também a Fábrica de Xabregas e a Companhia Lisbonense de Tabaco, em Lisboa, cujo funcionamento iniciou no século XVIII. A manufatura mais antiga identificada, cujo edifício foi construído para este fim é representada pela Manufatura de Tabaco de Milão, de 1725. No Gráfico 1, pode-se perceber a relação entre a quantidade de manufaturas adaptadas em edifícios preexistentes e das que foram construídas para este fim.

Gráfico 1. Construção Nova ou Adaptação.



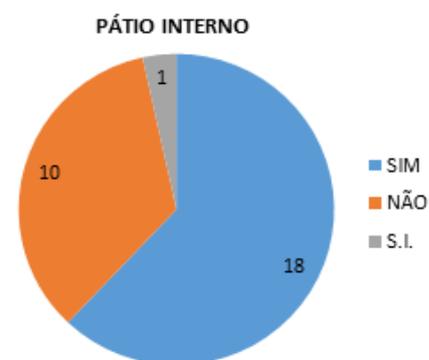
Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da Tabela 1 constante no Anexo (Figura 5).

Das treze manufaturas italianas analisadas, dez são novas construções. Já das três manufaturas portuguesas, apenas uma delas foi construída para ser fábrica. As manufaturas brasileiras contem parte das suas edificações novas, porém também há edificações mistas, como por exemplo, a Leite & Alves e a Suerdieck de Maragogipe, além de edificações adaptadas como é o caso da Dannemann de Maragogipe. Apenas três representam novas construções. Das duas espanholas analisadas apenas uma foi uma nova construção, sendo que outra era um convento. As restantes manufaturas europeias analisadas – Linz, Cibali e Morlaix – foram novas construções. Cinco manufaturas não apresentam informações a esse respeito (S.I. – sem informações).

Em se tratando dos pátios internos, observa-se uma diferença entre as tipologias das manufaturas da Europa e do Brasil. Dentre as 29 manufaturas analisadas 21 são europeias e oito são brasileiras. No conjunto europeu há apenas duas manufaturas que não apresentam pátio interno que são as manufaturas de Tabaco de Burchielle e a Companhia Lisbonense de Tabaco, sendo que uma se encontrava às margens de um rio e a outra havia sido anteriormente um palácio, respectivamente. Em contrapartida nas oito manufaturas brasileiras analisadas não há relatos de nenhum pátio interno.

A constância dos pátios internos nas manufaturas europeias pode ter sido fruto da incorporação da tipologia arquitetônica dos conventos. Essa configuração com diversos edifícios espalhados formando pátios internos favorecia a organização das variadas funções exercidas dentro das manufaturas (separação e pesagem das folhas de tabaco, umidificação das folhas, retirada da nervura principal das folhas, confecção dos charutos e outros produtos). As novas manufaturas europeias podem ter seguido os mesmos padrões de disposição de planta das primeiras manufaturas.

Gráfico 2. Pátio Interno.



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da Tabela 1 constante no Anexo (Figura 5).

implantadas pelo próprio Estado que exercia um controle direto sobre a produção e a comercialização. O tabaco, proibido até a primeira metade do século XVII, foi incluído como um gênero de privação do regime absolutista, que compreendeu que o produto em rápida expansão poderia fornecer uma grande entrada fiscal. Desta forma, todos os estados italianos ergueram manufaturas de considerável porte (Garbini, 2012, p.18). Na Espanha, na Áustria e na França, o estado também era o controlador da indústria do fumo. Em contrapartida, no Brasil a produção não gerava tanto impacto na economia do país, já que estas foram criadas como um apêndice da atividade de beneficiamento e enfardamento do fumo em folha para exportação, cujos proprietários faziam parte de uma burguesia mercantil (Mota, 2014, pp. 81-84).

Outra suposição possível para o uso dos pátios é o local onde foram implantadas, pois as italianas, por exemplo, eram localizadas na periferia das cidades, sendo fábricas de grande porte, com uma vasta área, o que permitia que houvesse pátios internos na disposição dos seus edifícios. Em contrapartida, as brasileiras situavam-se no centro das cidades, muitas vezes adaptadas em casas e sobrados preexistentes unidos internamente para constituição da fábrica, impossibilitando a criação de pátios internos, a exemplo das Fábricas da Suerdieck e da Dannemann em Maragogipe, e a Leite & Alves em Cachoeira. Mesmo quando construídas para serem fábricas, as novas construções não dispunham de grandes terrenos para sua implantação.

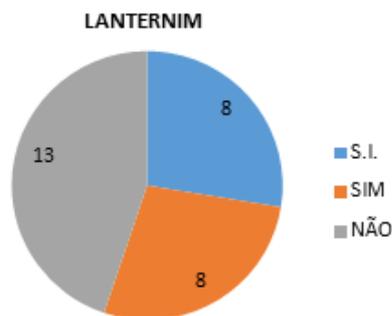
Outro fator importante de se levar em consideração é a diferença entre o volume da produção entre as fábricas brasileiras e as fábricas italianas. Na Itália, as manufaturas de tabaco foram

Em se tratando do número de pavimentos, percebe-se que a maioria das edificações possui até quatro pavimentos, com exceção da Manufatura de Tabaco de Linz, edifício construído em 1929, com sete pavimentos. O Recôncavo Baiano apresenta uma grande quantidade de edifícios baixos, com apenas um pavimento, caracterizando o menor porte das fábricas brasileiras em relação às europeias. Das oito fábricas do Recôncavo, quatro possuem apenas um pavimento: duas da Suerdieck, em Cruz das Almas e Cachoeira, e as fábricas Pimentel e Dannemann, ambas em Muritiba.

As coberturas das edificações apresentam uma característica bem parecida tanto nas manufaturas europeias quanto nas brasileiras. A grande maioria era em telha cerâmica e mantiveram o mesmo tipo de telha mesmo com o passar dos anos. Percebe-se o uso de telha em fibrocimento na Fábrica Tabaqueira em Portugal, que é de 1927. Na Fabrica de Linz (1929), apesar de não ter sido possível a identificação do tipo telhado, nota-se que não há o uso de telha cerâmica. O mesmo acontece com o pavilhão de 1933 da Fábrica da Suerdieck em Maragogipe.

A telha cerâmica, além de ser uma das mais utilizadas ao longo do tempo, também possuía um valor mais acessível, o que favorecia o seu uso. Outro fator que também pode ter levado ao uso desse tipo de telha é o conforto térmico e ventilação, favorecendo a dissipação do cheiro das

Gráfico 3. Lanternim.



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da Tabela 1 constante no Anexo (Figura 5).

folhas de tabaco. Apenas os edifícios mais atuais, ou os edifícios de expansão, que possuem características de uma cobertura em laje ou outro tipo de telha.

Um dado importante observado nas manufaturas são os elementos utilizados para proporcionar iluminação natural aos ambientes internos, como por exemplo, o uso de lanternins nas suas coberturas. Das 29 fábricas analisadas oito possuíam lanternins, sendo que em outras oito não havia informações acerca de conter ou não o elemento.

Das oito fábricas que continham lanternins em sua cobertura podem ser citadas as manufaturas de Lucca, Burchielle, Milão, Xábregas, Chiaravalle, Tabaqueira, Cibali, e a Leite & Alves de Cachoeira (ver Figura 1).



Figura 1. Fachada lateral da UFRB voltada para a Rua Monsenhor Tapiranga. Foto: Luciana Guerra, 01/09/2009.

Já a Fábrica da Suerdieck de Maragogipe apresenta uma cobertura num formato tipo *gambrel*, o que também possibilitava uma maior incidência de luz natural no interior da edificação, conforme pode ser visto nas Figuras 2 e 3.



Figura 2. Fábrica após a ampliação de 1921. Fonte: Folgueira, 1930, p.149.

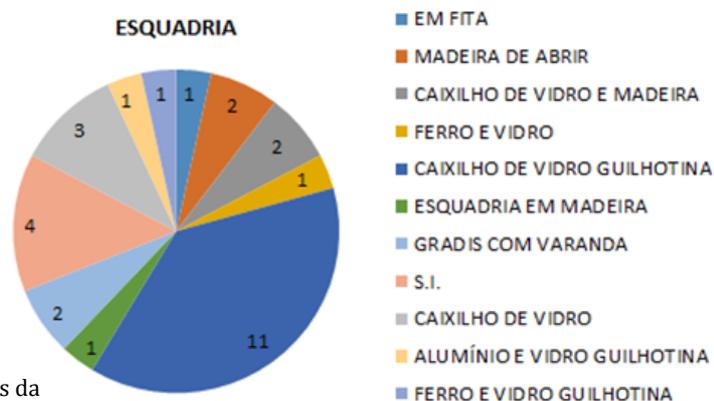
Os modelos das esquadrias, assim como o material, se apresenta bastante variável nas diversas manufaturas. Além disso, uma mesma manufatura pode apresentar diferentes tipos de esquadrias, refletindo intervenções que ocorreram ao longo do tempo. Porém, percebe-se que a grande maioria utilizava janelas em caixilho de vidro tipo guilhotina, principalmente as europeias, sendo que muitas vezes este modelo foi herdado dos antigos conventos. No Brasil, este modelo também está presente nas Manufaturas da Dannemann, em São Félix, e na recente Suerdieck de Cachoeira, que podem ter sofrido influencia da tipologia das esquadrias utilizadas nos edifícios antigos das cidades onde foram instaladas.



Figura 3. Vista interna do telhado *gambrel*. Foto: Luciana Guerra, 10/05/2012.

Em se tratando dos elementos decorativos que caracterizam o estilo arquitetônico, foi possível observar que havia uma preocupação com a estética dos edifícios, pois os mesmos são por vezes compostos por muitos ornamentos decorativos em suas fachadas, sejam as europeias ou as brasileiras. As fábricas transitam desde o estilo barroco (Sevilha), passando pelo Neoclássico (Rovereto), Eclético (Dannemann, São Félix) e Moderno (Linz). Algumas vezes, os adereços decorativos foram herdados dos antigos edifícios, sejam conventos ou palácios. Porém, mesmo em edifícios que foram construídos para serem fábricas, percebe-se a preocupação com os adereços estéticos, a exemplo da Danneman em São Félix (Figura 4) e da Tabaqueira, em Lisboa.

Gráfico 5. Esquadria.



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados da Tabela 1 constante no Anexo (Figura 5).

Quanto aos usos atuais, percebe-se que poucas manufaturas passaram a fazer parte de uma maneira efetiva na sociedade, funcionando como Universidades, Centros Culturais ou equipamentos privados, a exemplo da Real Fábrica de Sevilha, da Fábrica de Tabaco de Cibali, da Manufatura de Tabaco de Morlaix, e das Fábricas Leite & Alves e a Dannemann São Félix, apesar desta última estar sofrendo sérios problemas de manutenção. Há também a manufatura Italiana de Tabaco SPA, única que ainda funciona como fábrica de tabaco. Estes são os exemplos que sofreram um efetivo projeto arquitetônico para adaptação dos antigos edifícios aos novos usos ou mesmo manutenção do seu próprio uso (não considera-se aqui a qualidade do projeto arquitetônico de revitalização em relação à leitura dos registros do edifício enquanto uma manufatura de tabaco).

Além destas sete fábricas, existem mais seis cujos edifícios vêm sendo utilizados com algum tipo de atividade, apesar de não haver registro de um projeto de intervenção, destacando-se as portuguesas – Fábrica de Tabaco de Xabregas, Companhia Lisbonense de Tabaco e Fábrica Tabaqueira – e algumas

fábricas do Recôncavo Baiano – a Fábrica Suerdieck em Cachoeira e a Dannemann em Muritiba, que funciona apenas como um depósito. Nesse grupo ainda podemos considerar a Fábrica Suerdieck em Maragogipe, que encontra-se ilegalmente ocupada, apresentando diversos usos.



Figura 4. Fábrica da Dannemann em 1918, São Félix.
Fonte: Arquivo Público de São Félix.

Do grupo de 29 fábricas analisadas, pode-se considerar que 14 delas estão simplesmente fechadas, se considerarmos nesse grupo as fábricas onde não consta nenhuma informação a esse respeito (caso da maior parte das italianas). Além dessas, pode-se considerar mais três no Recôncavo Baiano que foram parcialmente demolidas para implantação de novos edifícios, sendo que apenas parte da fábrica original permanece como ruína, a exemplo da Suerdieck em Cruz das Almas, Pimental em Muritiba, e a Dannemann em Cachoeira.

Interessante notar que alguns edifícios têm sido reconhecidos oficialmente como patrimônio arquitetônico, como as manufaturas de Rovereto, de Sevilha, de Morlaix, e Linz. Percebe-se que as manufaturas de fumo tem entrado, aos poucos, nas discussões sobre o patrimônio cultural, a exemplo do Encontro italiano de 2009 Chierici et al. (2012), fruto de uma preocupação sobre o destino dos antigos edifícios de fábricas de tabaco que estavam sendo privatizados, ou do trabalho de inventário de Folgado & Custódio (1999), onde as manufaturas de fumo aparecem dentre a diversidade de patrimônio industrial da zona oriental de Lisboa.

4. Considerações finais

Nesta pesquisa trouxemos uma primeira análise sobre os elementos arquitetônicos das antigas manufaturas de fumo. A escassez de dados disponíveis não permitiu fazer uma avaliação profunda da disposição interna das dependências arquitetônicas, demonstrando o domínio dos espaços seja pelos empregados, seja pelos proprietários. Essa consideração do componente humano do edifício é que permitiria uma melhor definição do que deve ser preservado numa intervenção arquitetônica, a fim de dotar ao edifício um novo uso, de forma que este mantenha algum significado para a sociedade local. Entretanto, acreditamos que o estudo aqui apresentado já sugere algumas indicações do que deve ser levado em consideração, como a disposição dos edifícios, a cobertura e seus elementos de ventilação e iluminação, e os elementos decorativos, que também se fizeram presentes nestes edifícios industriais.

A pesquisa também possibilitou fazer uma análise comparativa entre as fábricas europeias e brasileiras. As volumetrias são diferentes, assim como o porte e o período em que foram implantadas. Outra diferença é o domínio do Estado nas internacionais, contra a burguesia mercantil no Brasil.

6. Referências

- Arcaini, R., Chini, L., & Sega, C. (2012). L'archivio dela manifattura tabacchi di Borgo Sacco (Rovereto, Trento). In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.273-284). Torino, Italia: Celid.
- Capalbo, C. (2012). Le manifatture tabacchi di Roma tra sete e ottocento. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.163-178). Torino, Italia: Celid.
- Castellano, A. (2012). La manifattura tabacchi di Milano: note per un'antropologia storica di um luogo di lavoro. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.87-100). Torino, Italia: Celid.
- Cervini, R. (2012). La Manifattura Tabacchi di Bari. La fabbrica novecentesca fra storia e recupero. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.267-272). Torino, Italia: Celid.
- Chierici, P., & Palmucci, L. (2012). La Manifattura Tabacchi di Torino tra Settecento e Ottocento. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.67-86). Torino, Italia: Celid.
- Chierici, P., Covino, R., & Pernice, F. (2012). *Le fabbrich del tabacco in Italia*. Torino, Italia: Celid.
- Cibali. (n.d.). Retirada Outubro 8, 2013, em <http://www.khas.edu.tr/en/about-the-university/history.html>
- De Angelis, C., & Fontana, M. (2012). Per una storia dela Manifattura Tabacchi di Bologna. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.121-134). Torino, Italia: Celid.
- Documentos da empresa Suerdieck. (1935). Suerdieck & Co. Maragogipe, Brasil.
- Documentos da empresa Suerdieck. (1946). Suerdieck: 1892-1946. Salvador, Brasil.
- Folgado, D., & Custódio, J. (1999). *Caminho do Oriente. Guia do Patrimônio Industrial*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte.
- Folgueira, M. R. (1930). *Album Artístico, Commercial e Industrial do Estado da Bahia*. Salvador [BA] Brasil.
- Garbini, L. (2012). L'industria Del tabacco in Italia. In Chierici, P., Covino, R., & Pernice, F. (2012). *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.17-38). Torino, Italia: Celid.
- Governo do Estado Da Bahia. (1997). *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia* (3a. ed., Vol. 1: Monumentos e sítios do Recôncavo, II parte). Salvador [BA] Brasil: Secretaria da Cultura e Turismo.
- Habib, R. (n.d.). *Fascinating History of the building of Kadir University: a cistern, hamman, tobacco factory and museum*. Retirada Outubro 8, 2013, em <http://arha318.wordpress.com/2010/01/08/fascinating-history-of-the-building-of-kadir-has-university-a-cistern-hammam-tobacco-factory-and-museum-by-romina-habib/>
- López, C. C. (2013). *Tratamiento de um espacio patrimonial industrial: El caso de La Fábrica de Tabacos De Gijón*. *Actas Congresso Internacional sobre Documentación, Conservación y Reutilización del Patrimonio Arquitectónico* (Vol. 1, pp.383-390). <http://books.google.es/books?id=TwxkAgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=la+experiencia+del+reuso+google+books&hl=es&sa=X&ei=6QL7U8qSjXm7Ab2hoDYDQ&ved=0CDIQ6AEwAg#v=onepage&q=casta%C3%B1eda&f=false>
- Losavio, G. (2012). La manifattura tabacchi di Modena in 150 prezi. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.235-238). Torino, Italia: Celid.
- Maestri, S. de. (2012). Il progetto di riqualificazione dela Manifattura Tabacchi di Sestri Ponente (Genova). In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.229-234). Torino, Italia: Celid.

Mazota, D. (2012). La Manifattura sul rio dele Burchielle a Venezia: due secoli di storia. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.101-162). Torino, Italia: Celid.

Mota, L. G. S. (2014). *Manufaturas de fumo do Recôncavo Baiano: vestígios de patrimônio industrial*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador [BA] Brasil: PPG/AU/UFBA.

Nardi, J. B. (1996). *O fumo brasileiro no período colonial. Lavoura, comércio e administração*. São Paulo [SP] Brasil: Brasiliense.

Pedrocco, G. (2012). La Manifattura Tabacchi di Chiaravalle dalle origini ala prima guerra mondiale. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.147-162). Torino, Italia: Celid.

Porto Filho, U. M. (2013). *Suerdieck: epopéia do gigante. 1892-1999*. Retirada em http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br/upload/livro_suerdieck_epopeia_do_gigante.pdf

Preite, M. (2012). L'incerto futuro dela Manifattura Tabacchi di Firenze. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.239-248). Torino, Italia: Celid.

Smith, L., Shackel, P., & Campbell, G. (2011). *Heritage, Labour and Working Classes*. London, England: Routledge.

Smith, P. (2012). Um regard de l'étranger: les manufactures de tabacs em France, um patrimoine privilégie?. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.39-48). Torino, Italia: Celid.

Smith, P. (2005, inverno). The Royal Tobacco Factory at Morlaix. In *Bulletin TICCIH*, 31. Retirada em <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/B31.pdf>

Tabakfabrik Linz. (n.d.). Retirada Novembro 14, 2013, em http://de.wikipedia.org/wiki/Tabakfabrik_%28Linz%29#cite_ref-FellnerThielGeschichte_1-4

The Rezan Has Museum. (n.d.). Retirada Outubro 8, 2013, em <http://istanbul.for91days.com/tag/cibali-tobacco/>

Torti, C., Davini, S., & Petroni, G. (2012). La Manifattura Tabacchi di Lucca. Storia, memoria e processi produttivi. In P. Chierici, R. Covino & F. Pernice (Eds.), *Le fabbrich del tabacco in Italia* (pp.135-146). Torino, Italia: Celid.